

# VT LEO, MILES: O EMPREGO DO SÍMILE EM ESTÁCIO, SILVAE 2,5, EM CONTRASTE COM O SÍMILE ÉPICO NA TEBAIDA E AQUILEIDA

Fernanda Messeder Moura \*  
Universidade de São Paulo

## RESUMO

O emprego do símile, que traz como elemento-base de comparação o leão (*leo*), encontra uso e função distintos quando se comparam as suas ocorrências na produção épica estaciana (*Tebaida* e *Aquileida*) com a sua manifestação lírica, representada pelo poema 2.5 das *Silvas*. Busca-se demonstrar neste artigo, de um lado, o contraste entre a figuração típica do leão belicoso e, menos usual, a do leão domesticado; de outro, o fim poético atingido.

## PALAVRAS-CHAVE

Símile épico, *Silvas*, Estácio

No presente artigo, proponho-me a verificar um uso específico do símile na lírica de Estácio, designadamente, em *Silvae*, 2.5, em contraste com outros, empregados em função épica na *Tebaida* e na *Aquileida*, que partem de um mesmo elemento de comparação, qual seja, o leão. Para tal, valer-me-ei de lições sobre o símile segundo Cícero (*De Or.*), Quintiliano (*I.O.*) e *Retórica a Herênio*, com o fim de cotejá-las com o uso poético que dele fez Estácio nas obras referidas. A metodologia utilizada consistirá aqui primeiramente em, a partir das definições teóricas dos antigos, elencar os símiles nas composições épicas estacianas supracitadas, nas quais, conforme se verá, associam-se as figuras do leão e do guerreiro. Num segundo momento, analisar-se-á cada um desses símiles, bem como o modo pelo qual eles servem à estrutura maior do poema. Isto permitirá, enfim, que se estude o símile no poema 2.5, que, por contraste à épica, descreve um leão amansado, tendo-se em mente o gênero a que cada composição poética se circunscreve.

Dentre as figuras descritas pelas lições latinas, talvez seja o símile o que menos apresenta dificuldades teóricas quanto à sua justeza, já que não se identificam divergências significativas entre as lições, seja nos argumentos e exemplos dados, seja no vocabulário, na definição e/ou nos exemplos que a explicitam. Ainda assim, um possível complicador pareceria ser, inicialmente, a aproximação que Aristóteles faz de símile e metáfora (ἔστιν δὲ καὶ ἡ εἰκὼν μεταφορά· διαφέρει γὰρ μικρόν),<sup>1</sup> que

---

\* fernandamesseder@usp.br

<sup>1</sup> ARISTOTE. *Rhétorique*. Cf. *Rhet.*, 3.4.1. Trad. “E é pois o símile uma metáfora; com efeito, pouco se difere dela.” As traduções, quando não forem mencionados os autores, são de nossa responsabilidade.

posteriormente será lembrada, em termos semelhantes, por Quintiliano (Cf. *infra* I.O., 8.6.8). Neste mesmo trecho, entretanto, por meio de dois exemplos, o filósofo grego logo explicita a fronteira que faz com que “ὡς δὲ λέων ἐπόρουσεν”<sup>2</sup> seja símile e “λέων ἐπόρουσε”,<sup>3</sup> metáfora, a saber, a presença formal de um termo de comparação (w(j)), que, ausente na metáfora, não gera a transferência de significado que fará desta um tropo diferente do símile.

Em Cícero, as referências ao símiles são pontuais, mas elucidativas: constitui como um dos elementos a ser observados que a comparação não tenha por base uma relação longínqua com o objeto a que ela se relaciona: “deinde videndum est ne longe simile sit ductum”.<sup>4</sup> Nas outras ocorrências em que o termo comparece, o símile não compõe mais do que parte da explanação da metáfora;<sup>5</sup> quanto à sua função premente, figura nesta obra, ao lado do exemplo, a de mover os ânimos: “tum duo illa, quae maxime movent, similitudo et exemplum”.<sup>6</sup>

Quintiliano, por sua vez, aponta a *similitudo* ao discorrer sobre o que confere virtude à oração:

Omnia tamen illa, etiam quae sunt alterius modi lumina, adeo sunt virtutes orationis ut sine iis nulla intellegi uere possit oratio. Nam quo modo iudex doceri potest si desit inlustris explanatio, propositio, promissio, finitio, seiunctio, expositio sententiae suae, rationis apta conclusio, praemunitio, similitudo, exemplum, digestio, distributio, interpellatio, interpellantis coercitio, contentio, purgatio, laesio?<sup>7</sup>

Todos esses ornamentos, contudo, inclusive os que são de outro tipo, de tal forma são virtudes do discurso que, sem eles, nenhum discurso pode ser verdadeiramente concebido. Pois, como pode um juiz ser instruído, se carece uma explanação clara, uma proposição, prova, definição, distinção, exposição do próprio parecer, conclusão adequada a partir dos argumentos, prevenção, símile, exemplo, arranjo, distribuição, interpelação, coerção do que interpela, contenda, justificação, acusação?

Mais produtiva para a definição de símile é a explanação do autor de que “In totum autem metaphora brevior est similitudo, eoque distat quod illa comparatur rei quam volumus exprimere, haec pro ipsa re dicitur”,<sup>8</sup> após a afirmação de que ela será sobretudo útil em melhorar o argumento e em tornar vívida a ilustração de algo: “[similitudines quarum] aliae ad exprimendam rerum imaginem compositae”.<sup>9</sup>

<sup>2</sup> ARISTOTE. *Rhétorique*. 3.4.1. Trad. “Ele então se lançou como um leão.”

<sup>3</sup> ARISTOTE. *Rhétorique*. 3.4.1. Trad. “Um leão, ele se lançou.”

<sup>4</sup> CICERO. *De Oratore*. 3.XLI.163. Trad. “Em seguida, deve-se ter em vista que o símile não diste muito da construção.”

<sup>5</sup> Cf., e.g., o passo 3.XXXIX.157 de CICERO. *De Oratore*.

<sup>6</sup> CICERO. *De Oratore*. 3.LIII.205. Trad. “Esses dois, então, o símile e o exemplo, que ao máximo excitam.”

<sup>7</sup> QUINTILIAN. *Institution oratoire*. 9.2.2.

<sup>8</sup> QUINTILIAN. *Institution oratoire*. 8.6.8. Trad. “No todo, contudo, a metáfora é um símile mais breve, e nisso ela se distingue, porque este se compara ao que desejamos ilustrar; aquela se exprime no lugar do próprio objeto.”

<sup>9</sup> QUINTILIAN. *Institution oratoire*. 8.3.72. Trad. “[os símiles, dentre os quais] outros são compostos a fim de exprimir uma representação das coisas.”

A *Retórica a Herênio* traz descrição desenvolvida: uma vez definido o símile como tropo,<sup>10</sup> primeiro se expõem as funções a que serve no discurso (“similitudo est oratio traducens ad rem quampiam aliquid ex re dispari simile. Ea sumitur aut ornandi ausa aut probandi aut apertius dicendi aut ante oculos ponendi”),<sup>11</sup> para que, em seguida, exponham-se os modos que se empregam ao fazê-lo (“Et quomodo quattuor de causis sumitur, item quattuor modis dicitur: per contrarium, per negationem, per conlationem, per breuitatem”)<sup>12</sup> e, por fim, advirta-se para o caráter de propriedade ligado ao modo de pronúncia (“Ad unam quamque sumendae causam similitudinis adcommodabimus singulos modos pronuntiandi”).<sup>13</sup> Está previsto, igualmente, que a base de comparação pode abarcar “omnes res, animantes et inanimas, mutas et eloquentes, feras et mansuetas, terrestres, caelestes, maritimas, artificio, casu, natura comparatas, usitatas atque inusitatas”<sup>14</sup> e, dado fundamental, a não necessariedade de que a semelhança entre os termos que se querem comparar seja completa, “sed id ipsum, quod conferetur, similitudinem habeat oportet”.<sup>15</sup>

O estudo que ora se faz conhecer diz respeito, portanto, à aplicação dessas lições, tendo em vista o nível da *elocutio*, conforme o seu uso em Estácio. Por sua vez, para a comparação entre o leão e o guerreiro, tem-se, pois, um símile que comporta, de um lado, um ser animado desprovido de razão e, de outro, um ser também animado cuja ira lhe confere um uso particular da razão que o distingue do primeiro.

O símile épico, neste caso, como se verá, não partirá da comparação entre contrários (como talvez se quisesse em “mutas et eloquentes, feras et mansuetas”), mas de traços comuns que conferem valor guerreiro ao herói, e, em especial, a presença da ira. Nesse sentido, parte-se da observação de Schnapp-Gourbeillon<sup>16</sup> de que:

Dans la démarche analogique, l'animal donne à voir les vertus du héros auquel il se réfère: il suggère, il met en valeur, il renvoie une image amplifiée et sélective (...). Animal-signe, animal symbole, animal-miroir, il s'agit bien de représentations. Chaque élément du système de lecture mis en place vaut pour ce qu'il évoque, et non pour ce qu'il est.

<sup>10</sup> À revelia de Quintiliano; I.O., 9.3.75. Cf. QUINTILIAN. *Institution oratoire*.

<sup>11</sup> RETÓRICA A HERÊNIO, p. 291. Cf. *Rhet. ad. Her.*, 4.59, trad. de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra: “A similitude é o discurso que extrai alguma semelhança de coisas distintas. É adotada ou para ornamentar, ou para provar, ou para falar mais claramente, ou para colocar algo diante dos olhos.”

<sup>12</sup> RETÓRICA A HERÊNIO, p. 291. Cf. *Rhet. ad. Her.*, 4.59, trad. de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra: “E, como é tomada com esses quatro propósitos, é também dita de quatro maneiras: usando o contrário, a negação, o paralelo e a brevidade.”

<sup>13</sup> RETÓRICA A HERÊNIO, p. 291. Cf. *Rhet. ad. Her.*, 4.59, trad. de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra: “Cada um dos motivos de emprego da similitude será acomodado a um modo específico de pronúncia.”

<sup>14</sup> RETÓRICA A HERÊNIO, p. 297. Cf. *Rhet. ad. Her.*, 4.61, trad. de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra: “Todas as coisas, animadas e inanimadas; dotadas ou não da fala; selvagens e domadas; terrestres, celestes e marítimas; feitas pela arte, pelo acaso, pela natureza; usuais e inusitadas.”

<sup>15</sup> RETÓRICA A HERÊNIO, p. 297. Cf. *Rhet. ad. Her.*, 4.61, trad. de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra: “Mas é preciso que o exato ponto cotejado sustente a similitude.”

<sup>16</sup> SCHNAPP-GOURBEILLON. *Lions, héros, masques: les représentations de l'animal chez Homère*, p. 11-12.

Em medida analógica, o animal faz ver as virtudes do herói ao qual ele se refere: ele sugere, destaca, devolve uma imagem ampliada e seletiva (...). Animal-signo, animal-símbolo, animal-espelho; trata-se justamente de representações. Cada elemento do sistema de leitura ali colocado vale pelo que ele evoca, não pelo que ele é.

Em Estácio, no que se refere à *Tebaida*, diferentes críticos contabilizaram o símile, em suas diversas manifestações, entre 179 e 210 ocorrências, de acordo com a inclusão ou exclusão de versos considerados espúrios, segundo o relato de Dominik.<sup>17</sup> O autor igualmente afirma ser o símile mais utilizado na narrativa do que nas falas das personagens, em que figura em particular como forma de acentuar um tema ou sub-tema e intensificar o tom de algumas cenas.<sup>18</sup> Quanto à *Aquileida*, não seria possível mais do que especular sobre o assunto, na medida em que o autor a deixou incompleta, *mortis causa*, ainda no segundo canto, este com 167 versos.

De volta ao símile de que participa o *leo*, são dez as suas ocorrências na *Tebaida* e uma que nos chega da *Aquileida*, como se fará ver a seguir. Em todos os casos, o símile será estabelecido em função de um guerreiro e, para a *Tebaida*, mormente Tideu, dado corroborado por Dewar: “Lion similes are very common in the Thebaid (...). For Statius lions symbolize not so much strength or prowess as wild blood-lust, and are thus especially compared to Tydeus.”<sup>19</sup> Passo, então, à ilustração dos símiles presentes nos cantos II, VII, VIII, IX, XI e XII da *Tebaida* e no canto I da *Aquileida*, por meio de excertos que apresentam as características do leão, a fim de, em seguida, contrastá-las àquelas que, mais adiante, serão mostradas em *Leo mansuetus* (*Silu.*, 2, 5).

O primeiro símile diz respeito a Tideu, logo após a sua fala aos guerreiros tebanos que restaram (*o timidi paucique*, 668), em que se lhes dirigiam imprecizações (cf. 662-668), quando já exausto da carnificina (*illi membra negant, lassusque ferit praecordia sanguis*, 669), em passo lento (671), com a destra a já não sustentar-lhe o escudo, e com o sangue dos que fez cair (*morientum*, 674) na face (*ardentia ora*, 673) e nos cabelos (*crines*, 673). Segue-lhe a descrição de um leão satisfeito em ter derramado profusamente o sangue das presas que perseguira, sangue que lhe pesa a juba (*grauatae iubae*, 677-678), como o pesava a Tideu e, também como ele, a ferir o ar, já não com a voz, como o fez Tideu, mas com as mandíbulas ora vazias:

II, 675-681

ut leo, qui campis longe custode fugato  
Massylas depastus oues, ubi sanguine multo  
luxuriata fames ceruixque et tabe grauatae  
consedere iubae, mediis in caedibus astat  
aeger, hians, uictusque cibis; nec iam amplius irae  
crudescunt: tantum uacuis ferit aera malis  
molliaque eiecta delambit uellera lingua.

<sup>17</sup> DOMINIK. *Speech and Rhetoric in Statius' Thebaid*, p. 256.

<sup>18</sup> DOMINIK. *Speech and Rhetoric in Statius' Thebaid*, p. 256.

<sup>19</sup> STATIUS. *Thebaid IX*, p. 95-96. Trad. “Símiles a partir do leão são muito comuns na *Tebaida* (...). Para Estácio, leões simbolizam não exatamente força ou bravura mas uma sede selvagem por sangue e, portanto, são comparados em especial a Tideu.”

Como um leão, que, tendo posto em fuga o guardador para longe dos campos, alimentou-se de ovelhas massílias, quando em abundante sangue excedeu-se a fome, e a cerviz e a juba sobrecarregada assentaram-se na putrefação, ergue-se abatido em meio aos assassínios, bocejando e vencido pela comida, e a sua ira já não se acruenta por mais tempo: somente fere o ar com as mandíbulas vazias e lambe, com a língua à mostra, a lã macia das peles.

O segundo, já no canto VII, logo após o rogo de Jocasta a Polinices e aos guerreiros argivos de que se poupasse o combate fraterno, e de que se impedisse a continuação dos crimes, descreve o temporário abrandamento da ira do ambicioso filho e das tropas (*tumidas franfebant dictas cohortes*, 527), que logo seria novamente incitada pela fala de Tideu (539-559), como em leões que, após o indício de que se abatera a vítima, experiencia o momentâneo recrudescimento da ira que até então o movia:

VII, 529-533

(...). quales ubi tela uirosque  
pectoris impulsu rabidi strauere leones,  
protinus ira minor, gaudentque in corpore capto  
securam differre famem: sic flexa Pelasgum  
corda labant, ferrique auidus mansueuerat ardor.

(...). Quando como leões raivosos armas e homens estriaram pelo chocar das suas frentes de imediato é (neles) menor a ira, e se alegram com o corpo capturado a dispersar a fome desinquieta, assim curvados os corações dos pelasgos declinaram e se amansara o ardor ávido do ferro.

Viu-se no excerto 1 que é a ferocidade nata e instintiva do leão a movê-lo pela fome, em seguida abrandada, mas jamais apascentada, quando ele mata ovelhas e delas se alimenta. Lá, embora já refestelado, a lambe a lã macia, o leão ainda “fere o ar com as mandíbulas vazias” (680), e, assim, apresenta um ato violento que lhe é inerente. A fome amansada, consoante ao segundo excerto, torna-lhe “menor a ira”, sem, porém, novamente, dissipá-la, apenas dirimindo-a parcial e momentaneamente, até que novo apetite o leve a atacar novas presas, assim como varões a erguer o ferro de suas armas.

O terceiro símile, no mesmo canto, traz a reação impetuosa de Capaneu ao pedido de *Eunaeus* (663-668) de que fossem poupadas as muralhas (*proibite manus*, (...) *gens sacrata sumus*, 663; 666); compara-se, então, o rugido que chama o leão à presa ao pedido débil e vão que somente reaviva em Capaneu o desejo de empunhar a espada (*iactanti talia frustra / turbidus aera Capaneus occurrit in hasta*, 668-669) e gerar novos lutos:

VII, 670-675

qualis ubi primam leo mane cubilibus atris.  
erexit rabiem et saeuo speculatur ab antro  
aut ceruum aut nondum bellantem fronte iuuentum,  
it fremitu gaudens, licet arma gregesque lacessant  
uenantum, praedam uidet et sua uulnera nescit:  
sic tum congressu Capaneus gauisus iniquo  
librabat magna uenturam mole cupressum.

Quando, qual o leão, ao amanhecer, a sua primeira raiva ergueu  
em sua toca escura, e da cruel caverna espreita  
ou o cervo ou o novilho ainda incapaz de combater com a fronte,  
alegre pelo rugido, vai, embora armas e bandos de caçadores  
o aticem, vê a presa e ignora os seus ferimentos,  
assim, então, Capaneu, satisfeito com o iníquo combate,  
equilibrava o cipreste,<sup>20</sup> em seu grande peso, que haveria de vir.

Neste terceiro excerto, observa-se o despertar do leão, com sua índole cruel, já nos preâmbulos da morte, que será naturalmente a morte de suas presas indefesas, assim como o guerreiro que sente o corpo chamar-lhe, desejoso, a aniquilar seus oponentes na iminência da batalha. Este valor bélico é reconhecido no quinto excerto, mais abaixo, quando a ele acrescenta-se a nobreza: o leão, assim como o varão, não quer fazer-se mero assassino, mas, sim, matador de presas difíceis, valorizando, portanto, a sua ira instintiva.

O quarto símile se presta a Plutão, após ouvir a longa prece de Anfiarau (90-122), de que com ele, recém chegado à região infernal, fosse clemente.

VIII, 123-126

accipit ille preces indignaturque moueri.  
ut leo, Massyli cum lux stetit obuia ferri,  
tunc iras, tunc arma citat; si decidit hostis,  
ire supra satis est uitamque relinquere uicto.

As preces ele aceita, e se indigna por comover-se.  
Como o leão, quando o brilho do ferro massílio põe-se em seu caminho,  
assim a ira, assim as armas incita; [mas] se caiu o inimigo,  
suficiente é por cima dele passar e deixar vida ao vencido.

Este trecho encontra-se como momento de transição entre os demais excertos e o que será visto em *Silu.*, 2.5, pois aqui o leão se acanha frente ao ferro africano, assim como o deus se compadece frente à prece. O adjetivo “massílio”, indicativo de ferocidade e pujança (assim como tudo o que remete à África) mencionado em relação a ovelhas já no primeiro excerto (676), confere-lhe valor a partir do oponente escolhido (ovelhas ferozes, não quaisquer). Por outro lado, o ferro massílio força-lhe a desistir de seu próprio instinto, indicando que há possibilidades naturais, ou físicas (o ferro como elemento mineral), capazes de intervir na expressão da fúria. Nesse caso, mantém-se o símile, na medida em que, tal qual o leão, o guerreiro é valoroso e feroz, conquanto passível de falhas, como quando abranda a sua ira frente à retórica por palavras ou feita em armas. Este leão acuado é, portanto, ainda feroz, e sua condição não denota um amansamento, mas uma ira contrastada a, e combatida contra, sua própria natureza.

O quinto símile, anteriormente referido, refere-se pela segunda vez a Tideu, filho de Eneu, que, há pouco, economizara o jovem Átis, de súbito percebendo o que movia o rapaz a atacá-lo (“iamdudum uideo, magnum cupis, improbe, lecti / nomen”, 582-583), por “non ense nec hasta / dignatus” (583-584), como o leão que o espelha, e escolhe as vítimas que lhe são apropriadas.

---

<sup>20</sup> A significar lança feita a partir de madeira de cipreste. Cf. LEE. *Oxford Latin Dictionary*.

VIII, 592-596

sic ait, et belli maiora ad praemia mente  
ducitur: innumeris ueluti leo forte potitus  
caedibus imbelles uitulos mollesque iuuenas  
transmittit: magno furor est in sanguine mergi  
nec nisi regnantis ceruice recumbere tauri.

Assim ele fala, e é levado por sua mente aos prêmios maiores da guerra: assim como o leão que conta inúmeros assassínios, deixa passar bezerras impróprios à guerra e tenras novilhas, sua fúria é imergir em sangue grandioso e não reclinar-se se não sobre o pescoço de um touro reinante.

O sexto símile retrata como, sobre o corpo de Tideu, vociferam, alegres, os tírios que “iam corpus habent” (177), como um troféu que se faz pendurar, qual uma caça a um camponês:

IX, 186-195

hic amor, hoc una timidi fortesque sequuntur  
nobilitare manus, infectaque sanguine tela  
coniugibus seruant paruisque ostendere natis.  
sic ubi Maura diu populatum rura leonem,  
quem propter clausique greges uigilantque magistri,  
pastorum lassae debellauere cohortes:  
gaudet ager, magno subeunt clamore coloni,  
praecerpuntque iubas immaniaque ora recludunt  
damnaque commemorant, seu iam sub culmine fixus  
excubat, antiquo seu pendet gloria luco.

Esta, a paixão; isto, tímidos e valentes perseguem em conjunto: nobilitar as mãos, e as lanças de sangue infectas conservam, para mostrar às esposas e aos pequeninos, assim como quando o leão que há muito assolou os campos mauritânios, em função de quem prenderam-se os rebanhos e os senhores vigilar, e fatigadas coortes de pastores saíram vitoriosas: alegre-se o campo, elevam-se os camponeses em forte clamor, arrancam-lhe um pouco da juba, abrem-lhe a espantosa mandíbula, e lembram as perdas, se ora faz guarda, empalado sob o telhado ou se pende a glória do antigo bosque.

Aqui, a ira natural do leão, simbólica da nobreza e do valor bélico, não é amansada, mas conquistada pela morte. Ao aniquilar a fera, ela própria assassina, parece haver a transferência, assim culturalmente entendida, de sua capacidade voraz, antes comparada ao poder bélico do guerreiro. Morto o leão, vivifica-se seu valor glorioso. Assim Dewar,<sup>21</sup> em comentário ao passo em questão:

A good, psychologically realistic detail: long after the lion has been hung up as a votive offering they continue to talk about his great deeds (*damna* from their point of view), stressing their past terror to magnify their present achievement. He confers *gloria* on his setting precisely because he was so great an opponent; the passage describing the defilement of Tydeus' corpse thus ends with a subtle reminder that his fame will outlive that of his despoilers.

---

<sup>21</sup> STATIUS. *Thebaid* IX, p. 96.

Um detalhe bom e psicologicamente realista: muito depois de o leão ter sido pendurado como oferta votiva, eles continuam a falar de seus grandes feitos (*damna* pelo ponto de vista deles), a enfatizar o terror passado deles, a fim de engrandecer a presente conquista deles. Ele confere *gloria* no lugar em que está disposto precisamente por ele ser um oponente tão forte; a passagem que descreve a difamação do cadáver de Tideu termina, pois, com a sutil lembrança de que a sua fama irá sobreviver à de seus saqueadores.

Observe-se como o efeito, chamado por Dewar de “psicológico”, mas, em última instância, cultural, ocorre pelo fato de o leão morto tornar-se objeto de veneração por seus valores marciais, desejados aos combatentes. Mais vale, pois, pelo que aí se indica, um leão morto que outro, amansado e destituído, em vida, de sua nobre ira mortal. Não se estranhe, assim, ser comum na *Tebaida* a figura de um guerreiro que traz nas costas a pele de um leão: assim como o leão morto é símbolo de valor quando se fala do terror (motivado pela ira) por ele causado, a pele de leão vestida por um varão associa o terror do animal à ação do guerreiro que quer fazer da ira nobre o motivo da morte do inimigo no campo de batalha.

Entre a plenitude do leão adulto no exercício de sua ira e o leão feito em presa simbólica da ira bélica, mostra-se outro exemplo descritivo de nuances de sua constituição nos campos cruentos, quer da vida selvagem, quer de prélios. Leia-se, pois, o sétimo excerto:

IX, 736-743

tunc uero exerto circumuolat igneus arcu  
nec se mente regit, patriae matrisque sui que  
inmemor, et nimium caelestibus utitur armis:  
ut leo, cui paruo mater Gaetula cruentos  
suggerit ipsa cibos, cum primum crescere sensit  
colla iubis toruusque nouos respexit ad unguis,  
indignatur ali, tandemque effusus apertos  
liber amat campos et nescit in antra reuerti.

Então é que, empunhado o arco, voa, ígneo, em círculo,  
e não lhe governa a mente; da pátria, da mãe e de si mesmo  
esquecido, usa em excesso as armas celestes:  
como o leão, a quem, pequeno, a própria mãe getúlia  
leva cruentos alimentos, quando lhe sente crescer pela primeira vez  
a juba em torno ao pescoço e, feroz, volta o olhar às novas garras,  
desdenha ser alimentado e, desprendido, ama, livre,  
os campos abertos, e não deseja<sup>22</sup> voltar às cavernas.

Considerando estes versos como ilustrativos de Partenopeu (pois à criança se compara o leão novo; à Atalanta, a leoa getúlia), Dewar aproxima-os como “doublet” de VIII, 572 ff. Assim, “This lion is able to kill only feeble prey (‘segne pecus’), and that in the absence of the herdsman: its victories are thus illusory, and the simile ends ominously”.<sup>23</sup> Para efeitos da presente análise, note-se, contudo, a figuração da ira em seu crescimento, conquanto

<sup>22</sup> Para essa significação de *nescire* quando seguido de infinitivo, cf. acepção 3 em LEE. *Oxford Latin Dictionary*, p. 1.173.

<sup>23</sup> STATIUS. *Thebaid IX*, p. 197. Trad. “Este leão é capaz de matar apenas presas frágeis (‘segne pecus’), e isso na ausência dos que tomam conta do gado: a suas vitórias são, pois, ilusórias, e o símile se encerra de modo agourento.”

ilusório seu poder possa constituir-se em última instância. Ainda que com presas débeis, o jovem leão, distinto da fera amansada em *Silu.* 2.5, deseja a morte, e o caráter premonitório do símile diz respeito apenas à juventude do leão, indicativo de sua impossibilidade do exercício verdadeiro e voraz da ira, que se aplica ao sujeito dependente da própria mãe (portanto, incapaz de debelar os próprios inimigos). Assim, não se opõe o leão jovem, incapaz de êxitos no prélio, ao leão adulto nem ao varão que, pelos símiles, é retratado a encarnar seu valor marcial. O contraste é, com efeito, entre o leão inexperiente, a adolecer sua ação nos campos que serão cruentos, e o varão.

Deste plano campestre, onde o jovem leão parece brincar com sua ira crescente, passa-se ao domínio divino, em que o oitavo símile faz refletir nas diferenças entre os próprios deuses elementos da pugna travada entre os guerreiros:

XI, 23-31

omnibus ante oculos irae Iouis, omnibus ardent  
arma metu galeaeque tonant, uisusque pautes  
ipse sequi et profugis opponere Iuppiter ignes.  
instat Agenoreus miles caelique tumultu  
utitur: indomitos ut cum Massyla per arua  
armenti reges magno leo fregit hiatu  
et contentus abit; rauci tunc cominus ursi,  
tunc auidi uenere lupi, rabieque remissa  
lambunt degeneres alienae uulnera praedae.

Todos têm diante dos olhos a ira de Jove; em todos, as armas cintilam medo, e retumbam os seus capacetes; o próprio Jove pareceu persegui-los, apavorados, e opor com os seus raios os prófugos. Avizinham-se deles os soldados de Agenor, aproveitando-se<sup>24</sup> do tumulto do céu: assim como o leão, quando pelos campos massilos, dilacera os indômitos reis da manada com a sua forte mandíbula e, satisfeito, se afasta; e, ora ursos rosmentos de perto, ora lobos cobiçosos e com desejo, com abrandada raiva, lambem, baixos, as feridas de presa alheia.

Assim como na *Ilíada* (Cf., *e.g.*, o diálogo de Poseidon e Hera, contrário a Zeus, entre os versos 195 e 227 do canto oitavo), os deuses nos se apresentam como soldados em luta, num nível acima (varões contra varões, deuses contra deuses). Dado que Jove é retratado na condição de guerreiro no passo em questão, justifica-se o símile relativo ao leão, nos preceitos já vistos quanto aos soldados, com nova menção à ira, aos campos massílios. A particularidade de apresentar-se um deus em função bélica no lugar de um varão gera um subtipo do tipo de símile anterior, de forma a corroborar os demais. Passo, pois, ao nono excerto, que corrobora, ainda, as figurações anteriores do leão.

XI, 740-747

[...]; abducit genitor saeuumque minatur  
indignans ueniam. qualis leo rupe sub alta,  
quem uiridem quondam siluae montesque tremebant,  
iam piger et longo iacet exarmatus ab aeuo,

<sup>24</sup> Para essa significação de *uti*, cf. acepção 8b em LEE. *Oxford Latin Dictionary*, p. 2.119.

magna tamen facies et non adeunda senectus;  
et si demissas ueniat mugitus ad aures,  
erigitur meminitque sui, uiresque solutas  
ingemit et campis alios regnare leones.

(...); afasta-a o pai e, intratável, faz ameaças,  
desprezando a indulgência, qual um leão sob um alto penhasco  
por quem, quando novo, as selvas e as montanhas tremiam,  
e agora vagaroso, jaz desarmado pela idade avançada,  
magna a face, porém, e sem haver de visitar a velhice;  
e acaso um mugido venha a seus ouvidos abatidos  
ergue-se e lembra-se de si, geme as lânguidas  
forças e [geme] para que outros leões sejam, nos campos, soberanos.

Como se pode depreender desses versos, a ira, que se configura instintiva e insaciável no leão e no varão nos outros excertos, é aqui debilitada pela idade, não pela ação humana (como teremos para o leão domesticado em *Silu.*, 2, 5). O leão velho, fisicamente impossibilitado de exercer a ira, sente-a ainda, e se alegra com a existência da própria ira em outros leões, ao passo que o leão amansado, contrário à própria raça e natureza, envergonha os seus pares, desprovido do exercício da ira bélica, esperada do guerreiro.

Por fim, o símile que se verifica no canto XII opõe *degeneres* e *magnum* (740), de modo a realçar o comportamento que ser quer virtuoso no guerreiro:

XII, 736-740  
(...); taedet fugientibus uti  
Thesea, nec facilem dignatur dextra cruorem.  
cetera plebeio desaeuit sanguine uirtus:  
sic iuuat exanimis proiectaque praeda canesque  
degeneresque lupos, magnos alit ira leones.

(...); farta-se Teseu de controlar<sup>25</sup> os que fogem  
e a sua destra julga indigno o sangue derramado fácil.  
O valor guerreiro restante dá vazão à fúria no sangue plebeu:  
assim agrada a cães e lobos degenerados a presa inanimada  
[diante deles] prostrada; os *magnum* leões a ira alimenta.

Dominik atentamente lembra, porém, que “Theseus’ expression of disdain for taking easy victims is proven false when he strikes down seven warriors in quick succession with considerable ease, barely missing another with his spear (741-751)”<sup>26</sup> e que, para fins de caracterização do herói, o símile, embora clarifique pela exemplificação a atitude guerreira que se quer louvar, conforme uma das funções previstas nas lições, não deve ser analisado isoladamente.

Já sobre o uso do símile na *Aquileida*, como modo de realçar a descrição que se vinha fazendo da infância de Aquiles, tem-se um uso poético um pouco diverso; vejamos:

<sup>25</sup> Para essa significação de *uti*, cf acepção 4 em LEE. *Oxford Latin Dictionary*, p. 2.119.

<sup>26</sup> DOMINIK. *The Mythic Voice of Statius: Power and Politics in the Thebaid*, p. 97-98. Trad. “A expressão de desdém de Teseu quanto ao tomar presas fáceis se prova falsa quando ele lança ao chão sete guerreiros em rápida sucessão com uma tranquilidade considerável, mal deixando de acertar outro com a sua espada (741-751).”

*Ach.*, 858-863

ut leo, materno cum raptus ab ubere mores  
accepit pectique iubas hominemque uereri  
edidicit nullasque rapi nisi iussus in iras,  
si semel aduerso radiauit lumine ferrum,  
eiurata fides domitorque inimicus, in illum  
prima fames, timidoque pudet seruisse magistro.

Como o leão, quando, arrancado do seio materno, modos  
adquiriu, e a ter penteada a juba, e a respeitar o homem  
aprendeu, e a não ser arrebatado à ira alguma, a menos que ordenado,  
se uma vez o ferro irradiou-lhe luz diante dele,  
abdicação é o juramento, e faz-se-lhe inimigo o domador, é sobre ele  
a sua primeira fome, e envergonha-se de ter servido ao tímido instrutor.

Aqui, a separação do leão, quando ainda pequeno, de sua mãe, funciona como interrupção da ira natural, que é adiada pela ação do domador, inserindo um dado cultural no que seria, de outra forma, instintivo. Ao se envergonhar, o leão demonstra ser a ira ainda nele existente, mesmo quando amansado, embora aí, frustrada, ela se faça vergonha, por opor-se ao exercício da guerra e da morte. Este excerto, insólito frente às características dos outros, supracitados, também de emprego na épica, bem exemplifica uma seara intermediária entre a figuração prototípica do leão, veiculada por símiles épicos, e o estranhamento causado, já na lírica, pelo leão amansado. Neste último excerto, o símile do leão emprega-se como negação temporária dos valores bélicos e de ira, que permanecem latentes, louvados pelo próprio uso deste tipo de símile épica. É assim, então, que do mesmo modo que a Aquiles bastou avistar a espada para que lhe viesse o instinto guerreiro, também ao leão basta o brilho do ferro para que ele seja tomado de ira e ataque aquele que havia tentado adestrar a sua índole, tenha passado de *domitor* a *inimicus* (862).

A que serviria, todavia, a utilização de um símile desta natureza na lírica, já na composição das *Silvas*, uma vez que não há o contraste a ser feito, iniciando-se do próprio ambiente formal, que, não sendo épico, torna diferente a menção às características do varão comparadas à nobre ira do leão? Considere-se, pois, a configuração lírica e as particularidades da construção do símile do leão amansado, título do poema 2.5,<sup>27</sup> a partir da análise literária que, com vistas a este fim, ora se apresenta.

Conforme se deflagra pelos versos iniciais do poema, incisivas *interrogationes* expõem o caráter vão e fútil da aceitação de que o aspecto que caracteriza o leão por excelência, a sua ira, tenha-lhe sido domesticada: “Quid tibi monstrata mansuescere profuit ira? / quid scelus humanasque animo dediscere caedes / imperiumque pati et domino parere minori?” (“De que te serviu amansar a ira conhecida? / de quê, apagar da mente o crime e as carnificinas humanas, / e suportar ordens, e obedecer a um senhor inferior?”). A perda do encontro com as carnificinas pouco ou nada lhe conferiu senão fraqueza, especialmente por ter-se deixado subjugar por um *domino minori*, sintagma presente no

---

<sup>27</sup> I.e., *Leo mansuetus*; cf. STACE. *Silves*. A tradução dos versos desse poema que daqui em diante se apresentam foi elaborada em conjunto com Everton da Silva Natividade.

verso 3, citado acima. Além disso, volta a ser referida entre os versos 7-11<sup>28</sup> a ferocidade que lhe falta pela negação dos oponentes que lhe seriam dignos, momento em que reaparece o adjetivo “massílio”, ao v. 8; ao contrário, aquele que o vence é baixo, justamente porque foge (v. 11), o que traz, na descrição no v. 13, a revolta de seus pares,<sup>29</sup> o abatimento (*cecidere*) e a vergonha (*puduit*).<sup>30</sup> Ergue-se, então, nos versos 19-23, o símile que se buscava atacar inicialmente:

Sicut sibi conscius alti  
uulneris aduersum moriens it miles in hostem  
attollitque manum et ferro labente minatur,  
sic piger ille gradu solitoque exutus honore  
firmat hians oculos animamque hostemque requirit.

Assim como, consciente da profunda  
chaga, vai, morrendo, o soldado, contra o inimigo,  
e levanta a mão e, com o ferro vacilante, faz ameaças,  
assim ele, com passo arrastado, despojado da costumeira dignidade,  
boquiaberto, firma os olhos e a alma e o inimigo busca.

Apesar das imagens bélicas evocadas nos versos 20 e 21, de guerreiros a tombar<sup>31</sup> e, mais adiante, no verso 26, do gladiador em função de pugna,<sup>32</sup> prevalece, de fato, o pesar, que é lírico,<sup>33</sup> não épico, meio a imagens de desonra que seriam antitéticas àquelas do uso épico do símile conforme se via; aqui, elas apenas reforçam o sentimento lírico do pesar do imperador, mencionado ao fim do poema, e alteram os elementos de comparação do símile que associavam as características inatas do leão com o valor guerreiro. Com efeito, é a mudança da forma poética para uma *consolatio* a justificar a alteração dos elementos de comparação do símile, por sua vez fazendo configurar diferentemente da épica, a imagem do leão.

Sobre a artificialidade de domesticar-se uma fera, Augoustakis chama a atenção para o fato de que “the domestication of wild beasts (not an uncommon phenomenon in

---

<sup>28</sup> Cf. STACE. *Silves*. “Occidis, altarum uastator docte ferarum, / non grege Massylo curuaque indagine clausus, / non formidato supra uenabula saltu / incitus aut caeco foueae deceptus hiatu, / sed victus fugiente fera. Stat cardine aperto” (Trad. “Sucumbes, versado devastador das grandes feras, / não por uma matilha massília e em sinuoso cerco preso, / não com um temido salto por sobre venábulos / lançado, ou no abismo oculto duma armadilha apanhado, / mas vencido por um animal que foge”).

<sup>29</sup> Cf. STACE. *Silves*. “Hoc licuisse nefas placidi tumuere leones” (Trad. “e, por que tal atrocidade tenha-se permitido, revoltaram-se os plácidos leões”).

<sup>30</sup> Conforme se pode ler no v. 14, de onde se destacou os verbos citados: “Tum cunctis cecidere iubae, puduitque relatum / aspicere” (Trad. “Então, abateram-se as jубas de todos e, o relatado, causou vergonha / vê-lo”). Cf. STACE. *Silves*.

<sup>31</sup> Cf. STACE. *Silves*. “uulneris aduersum moriens it miles in hostem / attollitque manum et ferro labente minatur” (Trad. “vai, morrendo, o soldado, contra o inimigo, / e levanta a mão e, com o ferro vacilante, faz ameaças”).

<sup>32</sup> Cf. STACE. *Silves*. “Ceum notus caderes tristi gladiator harena” (Trad. “como se, famoso gladiador na triste arena, caíesses”).

<sup>33</sup> Dado reiterado pelo próprio subgênero (*consolatio*), indicado textualmente nos vv. 24-25: *magna tamen subiti tecum solacia leti, / uicte, feres* (Trad. “As grandes consolações, porém, de uma abrupta morte, contigo, / vencido, levarás”). Cf. STACE. *Silves*.

the first century C.E.) was involved in broader literary discourses with philosophical underpinnings”<sup>34</sup> que trazem à tona discussões sobre o que está *praeter naturam* como violações de uma índole ou disposição natural, e daí, de querer impor-se um dado cultural humano a algo dado pela natureza e, com frequência, sem benefícios visíveis (vide a abertura do poema). Outro aspecto relevante nesse sentido parece estar no fato de a morte do leão a que o poeta se dirige acontecer não no que seria o ambiente natural do leão, mas em meio a uma arena: “this is not a *venatio*, but a spectacle where beasts forget their training and, instead of performing tricks, act out of turn”.<sup>35</sup> De fato, o que possibilita ao leão domesticado descrito na *Aquileida* retomar a *uirtus* guerreira que lhe é inata lhe são as condições favoráveis que, diferentemente do leão descrito em 2.5, encarcerado, lhe advêm do gozo de um espaço livre.

A partir, por fim, dos símiles expostos ao longo do trabalho que tratam da figura do leão como apropriada a ora explicitar, ora acentuar determinada atitude valorosa dos guerreiros que toma por base uma ira desejosa de derramar sangue, busquei apresentar como o tratamento dado ao leão na lírica de Estácio (*Silu.* 2.5), em que se descreve a morte de um leão a partir de dados que vão exatamente de encontro ao que se esperaria pelos símiles épicos, circunscrito que está à *consolatio*, e, assim, a fins genéricos outros, mostra-se singular dentro da economia estaciana.



#### ABSTRACT

The use of the simile having the lion (*leo*) as its basic element of comparison finds distinct poetic use and function if its textual occurrences in the Statian epics (*Thebaid* and *Aquileid*) and its lyrical manifestation (here represented by *Silu.*, 2.5) are compared. This article aims to show the contrast, on the one hand, between the typical warring lion and the less usual tamed lion, and, on the other hand, the poetic purpose that is thus accomplished.

#### KEYWORDS

Epic simile, *Silvae*, Statius

---

<sup>34</sup> AUGOUSTAKIS. *Unius amissi leonis*: taming the lion and Caesar’s tears (*Silvae*, 2.5), p. 210. Trad. “A domesticação de feras selvagens (fenômeno não incomum no primeiro século a. C.) estava envolvido com discursos literários mais amplos com bases filosóficas.”

<sup>35</sup> AUGOUSTAKIS. *Unius amissi leonis*: taming the lion and Caesar’s tears (*Silvae*, 2.5), p. 215-216. Trad. “Isso não é uma *uenatio*, mas um espetáculo em que as feras se esquecem de seus treinamentos e, no lugar de realizar truques, agem fora de seu papel.”

## REFERÊNCIAS

- ARISTOTE. *Rhétorique*. Texte établi et traduit par M. Dufour. Paris: Société d'Édition Belles Lettres, 1960. 136 p.
- AUGOUSTAKIS, Antony. *Unius amissi leonis: Taming the Lion and Caesar's Tears (Silvae, 2.5)*. *Arethusa*, Baltimore, v. 40, n. 2, p. 207-221, Spring 2007.
- CICERO. *De Oratore: liber III*. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1930. 117 p.
- DOMINIK, William J. *Speech and Rhetoric in Statius' Thebaid*. *Altertums-wissenschaftliche Texte und Studien, Band 27*. Hildesheim; Zürich; New York: Olms-Weidmann, 1994(a). 383 p.
- DOMINIK, William J. *The mythic voice of Statius: Power and Politics in the Thebaid*. *Mnemosyne Bibliotheca Classica Batava, Supplementum CXXXVI*. Leiden; New York; Köln: E. J. Brill, 1994(b). 212 p.
- LEE, G. M. (Ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968. 2.151 p.
- MCNELIS, Charles. *Statius' Thebaid and the Poetics of Civil War*. New York: Cambridge University Press, 2007. 211 p.
- QUINTILIAN. *Institution oratoire*. 2. ed. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1980. 311 p.
- RETÓRICA A HERÊNIO. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005. 313 p.
- SCHNAPP-GOURBEILLON, Annie. *Lions, héros, masques: les représentations de l'animal chez Homère*. Paris: François Maspero, 1981. 219 p.
- STACE. *Silves*. 3. ed. Texte établi par H. Frère et traduit par H. J. Izaac. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1992. 288 p.
- STATIUS. *Thebaid*. Edited and Translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 2003. v. 1. 459 p. v. 2, 441 p.
- STATIUS. *Thebaid IX*. Edited with an English Translation and Commentary by Michael Dewar. Oxford: Clarendon Press, 1991. 271 p.
- VAN DAM, H.-J. *Silvae, Book II: A Commentary*. Leiden: E. J. Brill, 1984. 539 p.